

IDENTIDADE(S) LITERÁRIAS(S) E CÂNONE : biografias e autobiografias*

Fátima Mendonça

(Faculdade de Letras - Universidade Eduardo Mondlane)

Em 1990, 31 anos passados sobre a morte de Eduardo Mondlane, foi publicada a versão, em português, de um livro que, editado em língua francesa em 1946, a partir de uma tradução do missionário suíço André Clerc, pouca recepção obteve por parte da crítica ou das instituições que, em consonância com esta, actuam como produtoras de mecanismos de consagração, contribuindo para o reconhecimento de sistemas literários específicos. Tratava-se de *Chitlango, filho de chefe*, narrativa de cariz autobiográfico, escrita por Eduardo Mondlane, a pedido de André Clerc, que assume a co-autoria do mesmo¹. Contudo, pode surpreender que a mesma publicação tenha tido uma fortuna considerável no que respeita a traduções e divulgação em língua inglesa².

* Versão corrigida da Comunicação apresentada no V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Maputo, UEM, 1998.

¹ Chitlango Khambane e André-Daniel Clerc. *Chitlango Filho de Chefe*. Maputo: Cadernos Tempo, 1990 [tradução de Maria de Lurdes Torcato e Ana Maria Branquinho].

² Cf. Gerald Moser, Manuel Ferreira. *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da moeda, 1983. São referenciadas as seguintes edições:

.Chitlangou Khambane, André Daniel Clerc - *Chitlangou, fils de chef*. Neuchâtel & Paris, Délachaux & Niestlé, 1946.

- ed. alemã: *Schitlangu, der sohn des Hauptlings*, trad. Anni Hauser. Zúrique, Wanderer-Verlag, 1950.ed. inglesa: *Chitlangou, son of a chief*, trad. Margaret A. Bryan. Pref. Alan Paton. Londres, United Society for Chirstian Literature, 1950.- ed.americana: Fac-simile da ed. inglesa. Westport (Connecticut) Negro Universities Press, 1970.

Não constitui hoje espanto que literaturas antigas como a alemã, a inglesa, a francesa, ou a portuguesa integrem no seu sistema e na sua história textos que, no momento da sua produção, não manifestavam intenção estética e que hoje são percebidos como monumentos literários. Sucodem-se nessas literaturas géneros como relatos de factos históricos, narrativas de viagens, reflexões filosóficas, sermões ou cartas, cujo ponto de partida foi uma intenção pragmática a que o tempo e o distanciamento permitiram uma leitura estética e que as gerações posteriores sentiram necessário integrar no corpus literário nacional, como forma de reiterar uma dada identidade. Voltaire ou Rousseau com os seus escritos filosóficos são hoje, à luz desta percepção, indiscutíveis monumentos literários e o padre António Vieira, durante muito tempo, o grande modelo da prosa literária portuguesa.

De outras áreas civilizacionais sucedem-se os exemplos de apreensão estética de textos que na origem tinham uma função prática e serão porventura os textos oriundos da cultura judaico-cristã os que mais prolixamente serviram, a muita da literatura mundial, de referência maior.

O abolicionismo, a protecção filantrópica e a escrita de ficção

Em literaturas mais recentes como a norte-americana o fenómeno manteve-se e embora por razões históricas persista uma forte tensão entre os textos canónicos e os textos da margem, há hoje na chamada literatura afro-americana um corpus reconhecido como fundador, assente sobre as primeiras narrativas autobiográficas de ex-escravos. Longe de constituírem apenas uma experiência solitária, produto de necessidade estética, estes textos compartilham com outros de uma significação histórica comum, o de se figurarem, pela

escrita, como prova de **humanidade** exigida às comunidades cujo destino histórico se cruzou com a expansão europeia³. É verdade, como defende Henry Louis Gates, que desde Descartes a razão passou a ocupar no mundo ocidental um lugar de privilégio sobrepondo-se a todas as outras características humanas e que a escrita, com a expansão que a imprensa lhe permitiu, passou a ser tida como o signo visível dessa mesma razão.

É igualmente verdade que o Século XVIII em geral reconheceu a presença ou ausência desse traço maior da espécie humana a partir da sua manifestação sob a forma de escrita e que ao fazê-lo abriu o caminho para as ideias de desigualdades das culturas e seus correlativos sob a forma das grandes dicotomias *civilização vs barbárie* e suas derivações, que mais tarde, impregnaram os aparelhos ideológicos dos estados coloniais.

Nesse sentido, o acto de escrever teria o valor de mercadoria, tornando-se a representação emblemática da articulação entre alienação racial e alienação económica.

³ É hoje sabido que a totalidade das publicações de descendentes de escravos ou de escravos libertos no Estados Unidos se deveu a uma rede de alianças estabelecidas entre estes e representantes da burguesia liberal abolicionista. Muitas vezes, os lucros obtidos com a venda dos livros serviam para pagar a própria carta de alforria. É paradigma desta situação o caso de Phillis Wheatley, cujos poemas foram publicados por iniciativa do seu dono John Wheatley. Contudo, esta publicação não se fez sem obstáculos e foi somente após uma luta de três anos para provar, junto dos editores, a capacidade da autora para escrever poesia, que *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, foram publicados em 1773 em Londres. Mediante um Atestado passado por um júri de dezoito notáveis de Boston presidido pelo governador da colónia Thomas Hutchinson, perante o qual a jovem Phillis de dezoito anos se submeteu a um exame, a escrava provou a sua capacidade para escrever, o que lhe garantia um estatuto de cidadania.

Diz Gates: "It would be useful to consider a typical example of Western culture, of writing as a commodity to confine and delimit a culture of color. For literacy, as I hope to demonstrate, is the emblem that links racial alienation with economic alienation"⁴.

É um facto inegável que as ideias do Professor Gates, envolvidas pelo rótulo pós-colonial e anti-cânone anglo-americano são sedutoras no momento actual, por responderem a muitas necessidades que as relações desiguais entre Norte/Sul, Ricos/Pobres, Centro/Periferia Maiorias/Minorias, criaram na aldeia global, embora possam obscurecer muitas questões tratadas anteriormente por teóricos africanos, oriundos de uma linha de pensamento que, radicada nas Luzes e no exemplo da Revolução Francesa, estabeleceu algumas ideias base para a criação de movimentos de emancipação e de independência, o que é claramente o caso do movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas, onde os escritores não tiveram papel menor.

Parece-me, por isso, que a mera transposição da questão afro-americana para o caso moçambicano poderia produzir equívocos que intento evitar.

⁴ Ver :Henry Louis Gates."Writing race and the difference it makes " in "*Race*" *writing and difference* ed. by Henry Louis Gates, Jr. Chicago: The University of Chicago Press, 1986, p.6.

Esta colecção de ensaios dá conta da polémica que opôs os teóricos Tzvetan Todorov e Henry Louis Gates e outros teóricos representativos dos chamados estudos pós-coloniais, quanto à oposição inconciliável, defendida por Gates, entre a herança do universalismo deixada pelo pensamento ocidental do século XVIII e as necessidades de afirmação particular que, desde o primeiro momento, as literaturas africanas escritas e as literaturas de diáspora no continente americano evidenciaram. Ver também *Critical Inquiry*. Autumn 85, Autumn 86.

Embora não negando a razão que lhe assiste ao ver nas primeiras tentativas de escrita poética por parte de escravos ou escravos libertos nos Estados Unidos uma forma de reconhecimento da sua própria condição humana, parece-me correcto, pensando na literatura moçambicana, ver também nessa tentativa uma forma deliberada e voluntária de participar num mundo até então desconhecido e que, pelas suas componentes utópicas, possuía a capacidade de entusiasmar o novo grupo social que emergia da colonização.

Porque, seguindo a lógica de Gates, não admitir hoje no escravo/colonizado a capacidade de se ter deixado seduzir por certas das ideias de alguns enciclopedistas, de que alguns textos de Diderot são certamente a referência maior, equivaleria a aceitar a desigualdade em que outras ideias de outros iluministas o colocaram. Entre Diderot e Voltaire havia possibilidade de escolha e a sua concretização não pode ter sido (in)significante, nem aparecer aos nossos olhos de fim de século como tal.

Ora, e é para este aspecto que gostaria de chamar a atenção, Moçambique compartilha com outros países da região, nomeadamente Zimbabwe, Zâmbia e África do Sul, um passado histórico e literário, ainda pouco investigado, análogo ao fenómeno norte-americano das autobiografias ‘sugeridas’ e apadrinhadas por sectores liberais.

O papel da filantropia abolicionista dos Estados Unidos relativamente aos ex-escravos ou escravos fugitivos, garante maior da razão dessas acções, foi aqui, penso, desempenhado pelas missões protestantes que, actuando fora do quadro institucional do colonialismo, punham em prática uma filosofia cuja origem não está longe da filantropia abolicionista, que circulou nas áreas de influência dessas missões, e cujo conteúdo se pode sintetizar em algumas ideias-chave:

- capacidade intelectual do africano face ao europeu;
- injustiças dos sistemas coloniais;
- necessidade de os africanos se munirem de instrumentos para conviverem/superarem essas injustiças;

- valor do trabalho manual, da instrução formal limitada e do cristianismo;
- valor da preservação do meio rural/tradicional africano.

Desse passado compartilhado pelos países da África Austral emerge a figura do sul-africano Sol Plaatje que, embora menos visivelmente tutelado pelas igrejas, não deixa de exprimir a necessidade de emancipação através de uma escrita identificadora de um “eu” étnico. No Prefácio ao seu romance *Mhudi* (1923) declara: *A literatura sul-africana foi até aqui exclusivamente europeia, pelo que se justifica um prefácio que justifique esta aventura nativa.*

Pela forma como alia a escrita à acção política e emancipadora nos anos 20 na África do Sul, Sol Plaatje vai adquirir o estatuto de modelo a alcançar, uma espécie de ‘homem novo’ forjado a partir de referências afro-americanas variadas, desde Booker T. Washington a William Dubois⁵.

Na antiga Rodésia do Sul (actual Zimbabwe), assiste-se também ao fenómeno da filantropia cristã a orientar a formação de elites letradas através de modelos a reiterar como o do Dr. J. E. K. Aggrey do Gana cuja biografia retomava muitas das ideias sugeridas por Booker T. Washington em *Up from slavery* e que

⁵ Um exemplar do livro de Natalie Curtis. *Songs and tales from the dark continent as recorded from the singing and sayings of C. Kamba Simango Ndaou tribe Portuguese East Africa and Madikane Cele Zulu tribe Natal Zululand South Africa.* New York: G. Schirmu, 1920. [biografia de Kamba Simango] depositado na Biblioteca da Universidade de Witwatersrand, ostenta uma dedicatória autografada pelo próprio Kamba Simango em 7 de Abril de 1921, a partir do Teachers’s College, da Universidade de Columbia, dirigida a “Mr. J. Bud Mhelle interpreter of the Union Government in admiration of his work and worth as well of his sisters support to Mr Sol Plaatje the premost champion of our race’s rights”. Creio ser bastante significativo o facto de Kamba Simango diluir neste curto texto a sua pertença étnica (ndaou), numa pertença mais alargada (a ‘raça’), de que Sol Plaatje seria o representante. Do mesmo modo se pode perceber, pelo teor do texto (agradecimento a J. Bud Mhelle e a suas irmãs pelo apoio prestado a Sol Plaatje) a existência de uma rede de apoios filantrópicos nos Estados Unidos da América relativamente a africanos.

Aggrey sintetizava na parábola da águia: *Os negros são como águias feitas prisioneiras que um dia se libertarão através da educação e do cristianismo* ⁶.

A Herança

Sem ser essa a intenção, esta filosofia acabou por servir aos primeiros africanos letrados como substituto de uma tradição literária escrita inexistente, lá onde todo o texto literário se afirma duplamente como lugar de articulação entre uma herança e as necessidades individuais e, por isso, solitárias da expressão estética.

Chitlango filho de chefe e textos similares de que *Tales and songs of the dark continent* (biografia de Kamba Simango por Natalie Curtis) é exemplo, podem ser lidos à luz deste fenómeno e ser, por isso, entendidos como constituintes de um género a tomar em consideração para a compreensão do surgimento de uma escrita literária em Moçambique, o dos relatos biográficos e autobiográficos reais, produzidos em contexto colonial num quadro ideológico marcado por pressupostos iluministas e por acções filantrópicas cristãs de apadrinhamento cuja origem é idêntica à do espírito que presidiu à emergência nos Estados Unidos das autobiografias de ex-escravos ⁷.

⁶ Cf. Flora Veit-Wild, *Teachers, preachers, non-believers – a Social History of Zimbabwean Literature*. Harare, Baobab Books, 1993.

⁷ Ver: Natalie Curtis *op.cit.* Mário Pinto de Andrade em *As origens do nacionalismo africano* Lisboa: D. Quixote, 1997, apresenta o percurso biográfico de Kamba Simango. Pelas informações de Mário de Andrade se pode perceber em Kamba Simango uma trajectória idêntica a de Eduardo Mondlane, desde a infância camponesa em Sofala, passagem pela escola missionária de Mount Selinda até à sua formação nos Estados Unidos da América, através do mesmo processo de apadrinhamento por missionários protestantes. Teresa Maria Cruz e Silva *Protestant Churches and the formation of political consciousness in Southern Mozambique (1930-1974) – The case of the Swiss Mission*, Bradford:University of Bradford, 1996 [Tese de Doutoramento]. Esta autora ao longo da sua análise confirma a relação de apadrinhamento entre a Missão Suíça e Eduardo Mondlane.

Na verdade, e neste aspecto o Professor Gates tem toda a razão, a muitas destas ideias não é alheia a herança do pensamento iluminista que, ao reclamar o “homem universal”, modelava esse mesmo homem pela percepção europeia do mundo, formando um conjunto descontínuo e por vezes contraditório. Penso contudo que, mais do que fazer abater a espada de Dâmo-cles sobre o pensamento racionalista ou sobre a ideologia judaico-cristã, convém proceder à desconstrução dos textos das primeiras elites africanas letradas em toda a complexidade e mesmo contradições que revelam.

Com *Chitlango filho de chefe*, Chitlhango/Chivambo Kham-bane//Eduardo Mondlane transaccionou realmente a sua humanidade, para usar a expressão de Henry Louis Gates, tal como Phillis Weathley, Equiano, Frederic Douglass ou Booker T. Washington o haviam feito, nos Estados Unidos, o que aliás é sugerido discreta e diplomaticamente por Pascoal Mocumbi no prefácio cauteloso que faz à edição em língua portuguesa: *Andre Clerc [...] ao solicitar ao jovem Eduardo Chivambo Mondlane, que escrevesse a sua biografia, pretendia avaliar as qualidades daquele que um dia seria o Sociólogo da Missão Suíça.*

O próprio narrador/co-autor, Chitlango/Mondlane, ‘reconhece’ no diploma da escola primária *o primeiro certificado de civilização* (p.162), e o papel determinante da escrita para alcançar esse estatuto: “Na prova de redacção, tivemos de escrever um requerimento à autoridade, excelente ocasião para expor o assunto numa linguagem polida, para empregar bonitas fórmulas, ortografar correctamente os títulos administrativos e terminar solicitando “que o Senhor Inspector se digne responder favoravelmente” (p.161).

A mesma atitude é de resto expressa por Kamba Simango, quando em carta dirigida à autora da sua biografia, escreve : *I just began to climb the tree of civilization* ⁸.

Convém frisar que o modo dominante de escrita da tradição literária ‘negra’ nos EUA, até 1912, ano da publicação do romance *The autobiography of an ex-coloured man* de James Weldon Johnson, era a autobiografia na primeira pessoa, tal como é exemplificado por narrativas de escravos como *Narrative of the life of an american slave* (1845) de Frederick Douglass ou por *Up from slavery* (1901) de Booker T. Washington. Os dois primeiros capítulos da *Autobiografia* fazem ecoar várias das convenções das narrativas de escravos, incluindo a representação do domínio da escrita e da sua relação com o desenvolvimento do ser humano.

Tal como em muitos dos relatos autobiográficos desses afro-americanos, *Chitlango filho de Chefe* alimenta-se de uma história pessoal onde se marca a origem “tradicional/rural/pagã” do narrador, para, num dado momento, se assistir à sua conversão e comunhão com o Deus do cristianismo. Com efeito, e esta é outra das convenções desse género de narrativa, essa origem não cristã é bastante acentuada num primeiro momento, contrastando com a posterior e fulgurante conversão:

Este domingo um grupo de cristãos veio visitar-nos. Os mais eloquentes pregaram-nos um severo sermão[...] Estes discursos põem-me fora de mim.[...] Mas então viver na miséria, continuar pobre, sofrer de mil doenças, [...] e a seguir arder nas chamas eternas? [p.151]. No segredo da palhota, choro de alegria. Constato a sua presença. Ele está em mim. É o meu senhor. E eu relato esta descoberta a Deus [p.153].

⁸ Natalie Curtis. *Ibidem*,

Do mesmo modo é visível o apadrinhamento quer em *Tales and songs of the dark continent*, quer em *Chitlango filho de chefe*. Contudo, os processos utilizados, permitem distinções que hoje poderão ser percebidas através de uma grelha ideológica. Natalie Curtis, usando o método da entrevista, toma a palavra em vez de Kamba Simango, tornando explícito esse apadrinhamento e recusando-lhe, de certa maneira, a capacidade de escrita.

Em *Chitlango, filho de chefe*, é possível distinguir a escrita autobiográfica dos comentários de André Clerc, constituindo estes uma espécie de garante dos valores ideológicos condensados no texto, os quais se aproximam das ideias-chaves já referidas. Os comentários de Clerc, cuja autoria é explicitamente assumida pelas iniciais A.C. em alguns casos, surgem em geral como epígrafe ou apresentação de certos capítulos, ajudando a contextualizar historicamente os acontecimentos narrados por Chitlango. Noutros casos, essa intervenção faz-se por intermédio de notas ou de indicações bibliográficas.

Se Kamba Simango não teve, pela razão apontada, a possibilidade de revelar os seus modelos (Sol Platjee seria apenas um deles), Eduardo Mondlane vincula-se claramente ao pensamento de Aggrey. A recuperação da parábola da águia e o lugar de destaque que ocupa no final da narrativa, estabelecem um vínculo definitivo entre Chitlango Khambane e o missionário ganense. Integrada na carta do antigo professor de Maússe, Paulino, a parábola assume, assim, a forma de passagem de testemunho simbólica, de uma herança assumida e legitimada pela sabedoria e exemplo de Aggrey “o nosso grande Aggrey” (p.217), que reúne cristianismo e libertação de África.

O Talento individual

Embora *Chitlango* esteja condicionado por essa ‘supervisão’/herança, tem, em toda a sua composição, elementos de novidade, produto do talento individual de que falava T.S.Eliot, ao mostrar o carácter duplo e articulado dos sistemas literários, relativamente aos textos do passado, e às necessidades de individualização desses mesmos sistemas, o que, na moderna teoria literária, se exprime através de relações intertextuais de índole e grau diversos.

Temos, por um lado, um *Chitlango* herdeiro do sistema de pensamento missionário e filantrópico das igrejas protestantes e, por outro, um *Chitlango*, narrativa produzida a partir de técnicas que criam um efeito de ficção e que, por isso, aproximam o texto de outros géneros como o de “romance de formação” ou das narrativa iniciáticas. Por outro ainda, um *Chitlango* muito próximo das razões de ordem ideológica que legitimam o papel do Izibongo (Panegórico) nas culturas de origem nguni, não sendo certamente por acaso o epíteto Chitlango, **filho de chefe**.

À luz desta perspectiva intertextual não é possível ler Chitlango sem pensar em *Godido* (descrição da vida de moleque na cidade) de João Dias ou na modernidade de *Nós matámos o cão tinhoso* de Luis Bernardo Honwana (a visão distanciada do narrador relativamente aos acontecimentos narrados) ou, mais à frente, *Portagem* de Orlando Mendes (a fatalidade da colonização/conformismo) ou ao mais recente *Terra sonâmbula* de Mia Couto (o percurso iniciático do herói/as provas). A ligá-los o fio que os percorre: infância modelar e modelada pelo universo edénico da pureza inicial e da mãe.

Mas também é difícil ler Chitlango sem pensar em *Up from slavery* de Booker T. Washington, ler *Godido* sem pensar em *The native Son* de Richard Wright, *Portagem* sem pensar em

Alves Redol, ou Mia Couto sem pensar em Guimarães Rosa, o que levanta outras questões, cujo tratamento não cabe nesta reflexão, e que tem a ver com a necessidade de estudos comparatistas na investigação sobre as literaturas produzidas em contextos coloniais e pós-coloniais.

O Cânone

A génese e as convenções de escrita que orientam *Chitlango filho de chefe* fazem, pois, esta narrativa dialogar com textos anteriores e posteriores, moçambicanos ou não, remetendo para a necessidade de o integrar em sistemas literários transnacionais.

É certo que, para retomar uma expressão de Linda Hutcheon, a “imaginação colonial” foi cedendo o lugar à “imaginação nacional”, sedimentando temas e formas discursivas reconhecidas como parte de um novo sistema, pelos diversos elementos de recepção - crítica, reconhecimento nacional e internacional, prémios, edições e traduções - e pelos que, integrados no sistema de ensino - (currícula, programas, manuais) reproduzem conceitos e valores que, actuando em cadeia, convergem para a instituição do cânone ⁹.

Mas o cânone por enquanto é modelado pelos géneros “nobres” da literatura de origem, a literatura portuguesa, acentuando a fragilidade da instituição literária nacional emergente.

⁹ Linda Hutcheon. "Introduction. Colonialism and the Postcolonial Condition: Complexities Abounding"., *PMLA Publications of the Modern Language Association of America* 110 (1) (1995):7-.

As unificações através da língua comum, produzindo novas relações de poder, não deixam bem clara a autonomia e independência do sistema literário periférico, conduzindo aqui e além à reinstalação de mitos ou erupção de alguns dos seus vestígios, de que só uma arqueologia (des) interessada tem consciência, como por exemplo o pressuposto de que a literatura moçambicana é parte exclusiva da 'lusofonia', entendido este termo não na sua dimensão etimológica mas na ideológica que efectivamente tem e que talvez (não?) possa deixar de ter.

A diversidade linguística e cultural de Moçambique e a rede de ligações culturais e linguísticas que se estabelecem para além das fronteiras nacionais, exigem que o sistema literário se defina a partir dos múltiplos cruzamentos e que as barreiras de língua e a divisão (oral/escrita) sejam atravessadas.

Entre uma cultura de oralidade primária e uma cultura que se pretendia letrada produziram-se esses textos biográficos e autobiográficos, de que *Chitlango filho de chefe*, pode ser um paradigma.

A eles se juntam outro tipo de textos, configurando outros géneros como a oratória e que, desde os olvidados João Albasini, Karel Pott, Rui de Noronha, Estácio Dias ou Samora Machel a outros menos (des)conhecidos, oriundos das igrejas protestantes, constituem um acervo a resgatar e a articular com a herança retórica oral de que Gabriel Makavi (havendo outros) pode ser um exemplo.

Parece ter chegado o momento de avaliar a sua função identitária. e redimensionar o espaço a conceder-lhes na História Literária de Moçambique.